

CENTRO ERIKA HILTON: de Acolhimento e Abrigo LGBTQ+

ARQUITETURA DE ACOLHIMENTO E JUSTIÇA ESPACIAL NO EIXO CÍVICO DE CEILÂNDIA/DF

1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

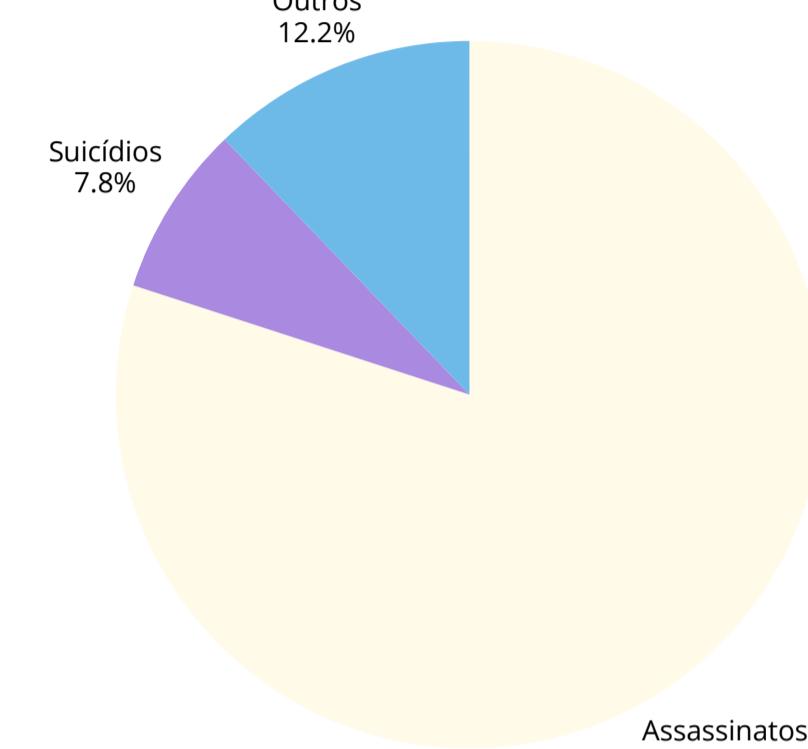
O Centro LGBTQIA+ Erika Hilton nasce da urgência por um espaço seguro para jovens LGBTQIA+ maiores de 18 anos, expulsos de casa, em situação de rua e vulnerabilidade social, que não recebem mais amparo do poder público. Em 2023, o Brasil registrou 230 mortes violentas de pessoas LGBTQIA+, número ainda subnotificado, evidenciando a necessidade urgente de acolhimento. O projeto se configura como manifesto arquitetônico, transformando a arquitetura em instrumento de proteção, visibilidade e resistência.

Homenageia Erika Hilton, deputada e ativista que vivenciou a expulsão e o descaso da sociedade, simbolizando coragem, luta e acolhimento. O Centro é estruturado em dois blocos principais. O **bloco de abrigo** oferece alojamentos seguros, onde os jovens permanecem enquanto buscam autonomia, reconstruindo relações sociais, criando novos vínculos e vivenciando experiências afetivo-sexuais de forma segura e inclusiva. Para isso, foram projetados quartos de intimidade flexíveis e inclusivos, capazes de se adaptar à diversidade de identidades e arranjos afetivos, respeitando cada trajetória e necessidade.

Já o **bloco de acolhimento** funciona como edifício praça, com preceitos biofísicos e soluções bioclimáticas adaptadas ao clima local, como jardins internos, espelhos d'água e grandes aberturas pivotantes verticais, estes são utilizados para melhorar o bem-estar ambiental e mental dos que o utilizam. Há também em toda a arquitetura desenhos sinuosos e orgânicos que abraçam e acolhem. O bloco de acolhimento também promove interação comunitária e conscientização da sociedade. Nele, a comunidade tem acesso a eventos culturais, exposições, biblioteca, museu e memorial do movimento LGBTQIA+, além de programas de cuidado de saúde física e mental, apoio jurídico, e oficinas profissionalizantes, voltados à emancipação social e inserção no mercado de trabalho dos abrigados no bloco de abrigo. O Centro se articula com o território urbano por meio de diretrizes projetuais, criando uma via peatonal que parte da praça do metrô e passa em frente ao Centro, transformada em uma rua da comunidade LGBTQIA+.

Esse percurso conecta o centro ao restante do Eixo de Ceilândia requalificado, funcionando como espaço seguro para circulação, encontros, feiras e manifestações. De forma complementar, a praça do Polo de Lutas Cívicas, também concebida como diretriz urbana, estabelece interface com o centro e outras lutas de minorias reprimidas pela sociedade, ampliando visibilidade, participação e integração comunitária.

Mortes Violentas de LGBTQs por Modalidade - Brasil, 2023



Dados de 2023 referenciados do Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTQ+ no Brasil, uma pesquisa feita em parceria entre a Acontece Arte e Política LGBTQI+, ANTRA e ABGLT.

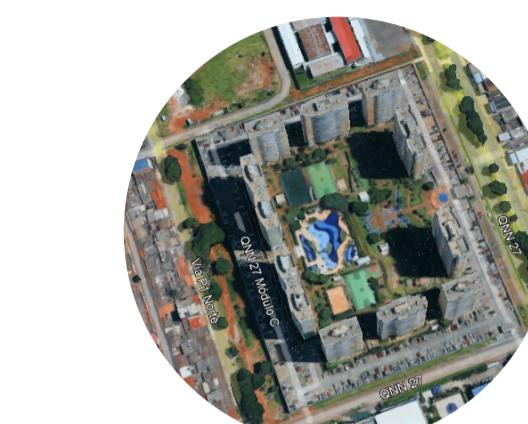


Imagem 1
Fonte: Google Maps, 2024



Imagem 2
Fotografia: Acervo do autor, 2023

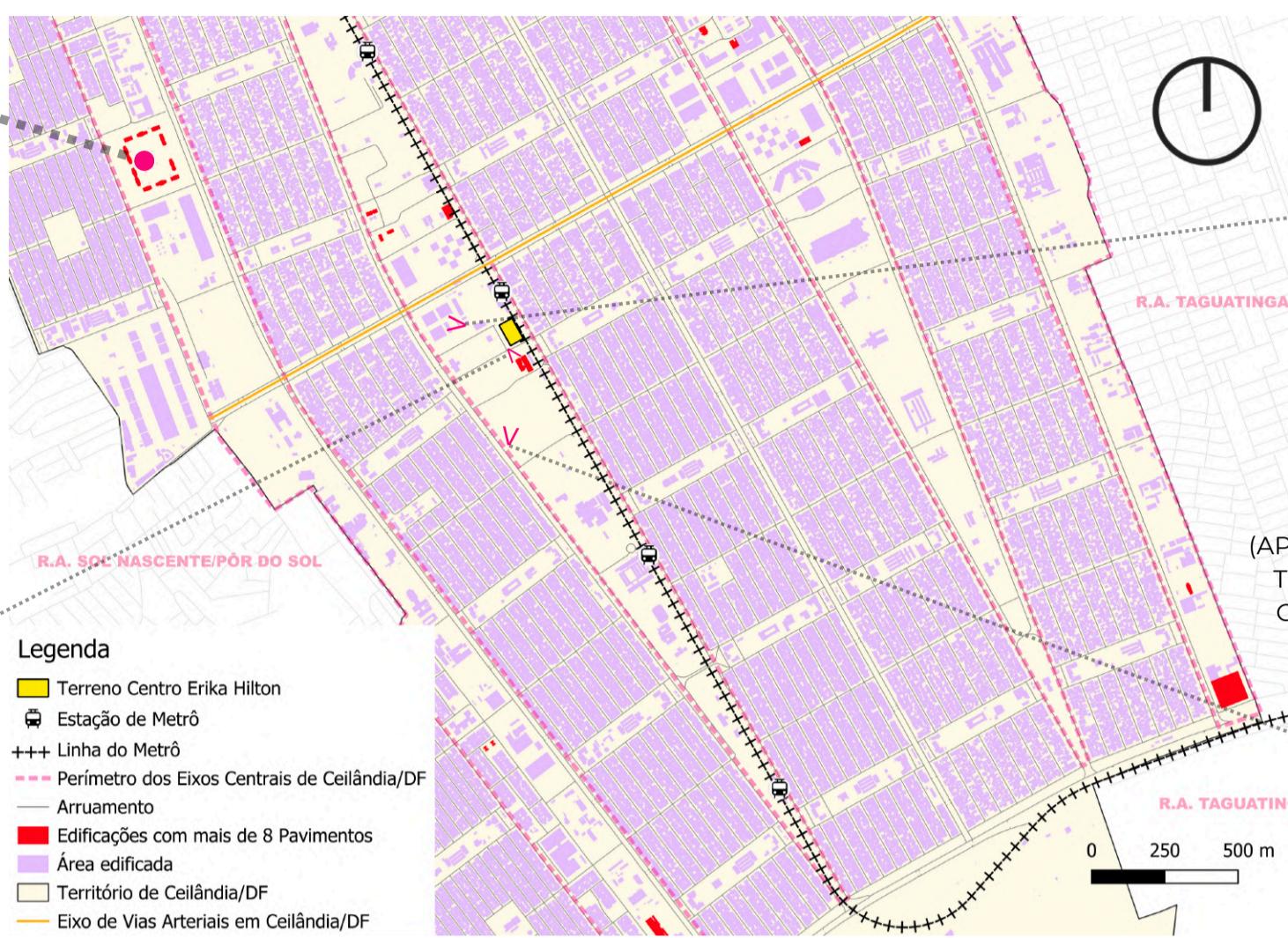
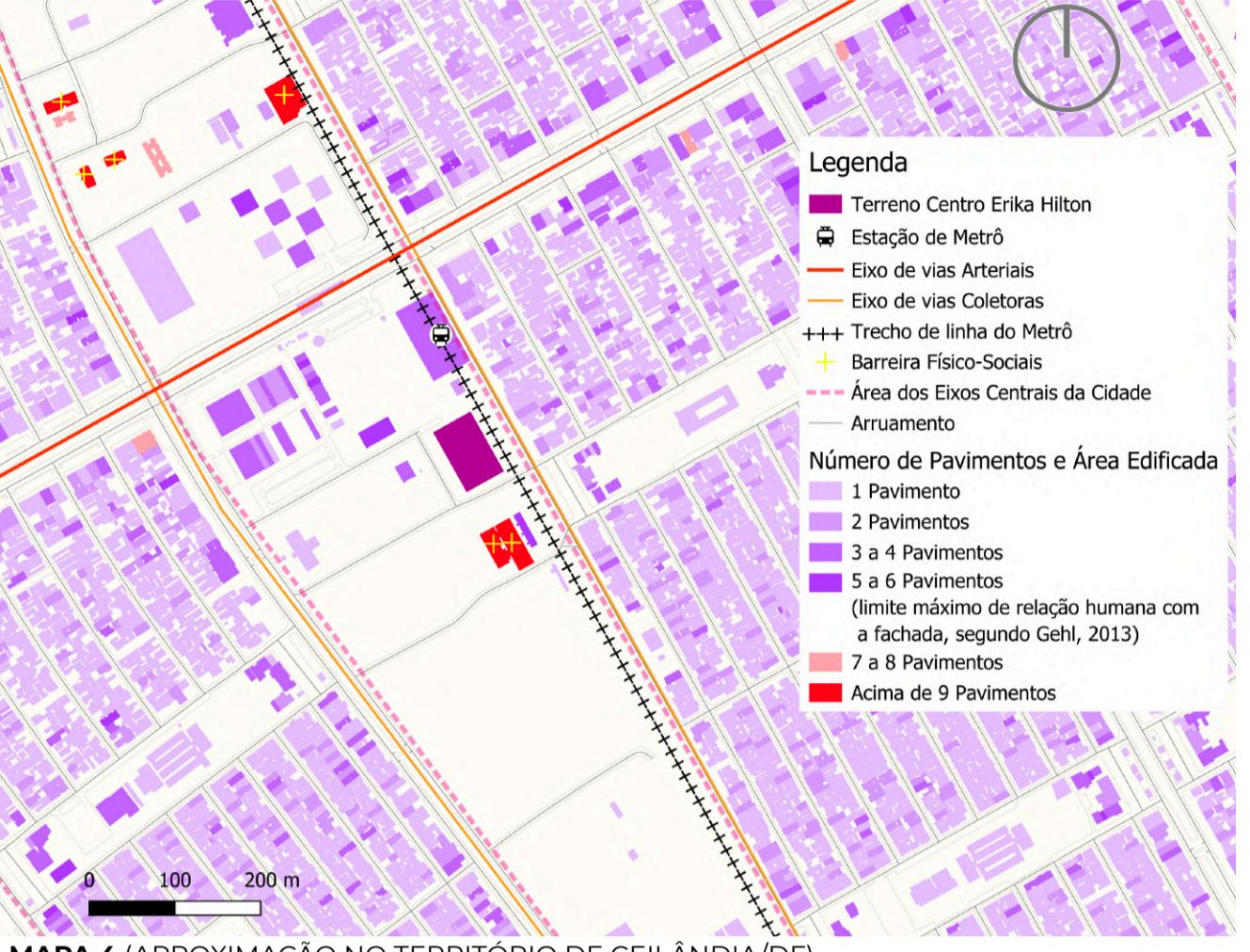


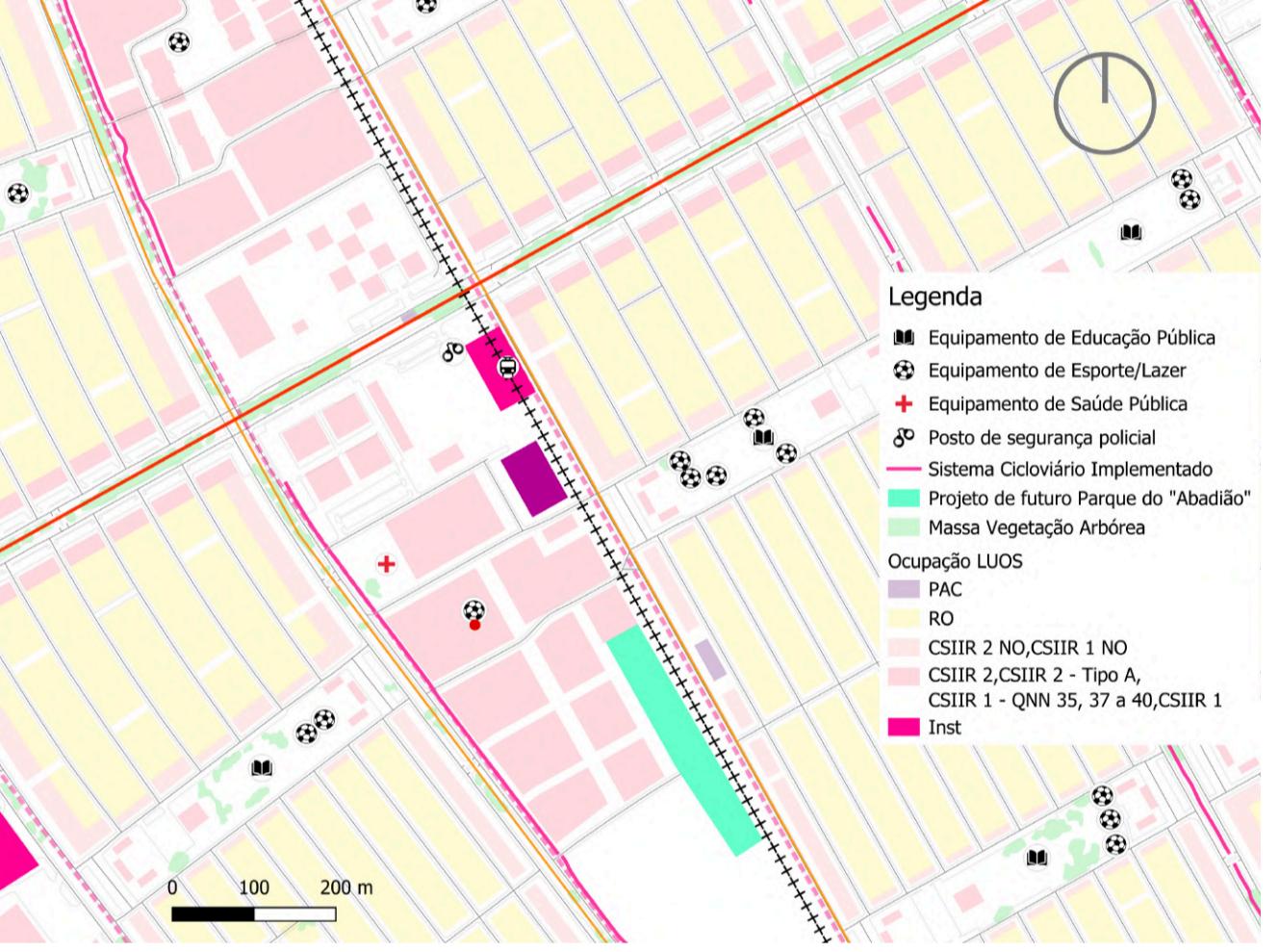
Imagem 3
Fonte: Google Maps, 2024



Imagem 4
Fonte: Google Maps, 2024



Mapa 4 (APROXIMAÇÃO NO TERRITÓRIO DE CEILÂNDIA/DF)



Mapa 5 (APROXIMAÇÃO NO TERRITÓRIO DE CEILÂNDIA/DF)

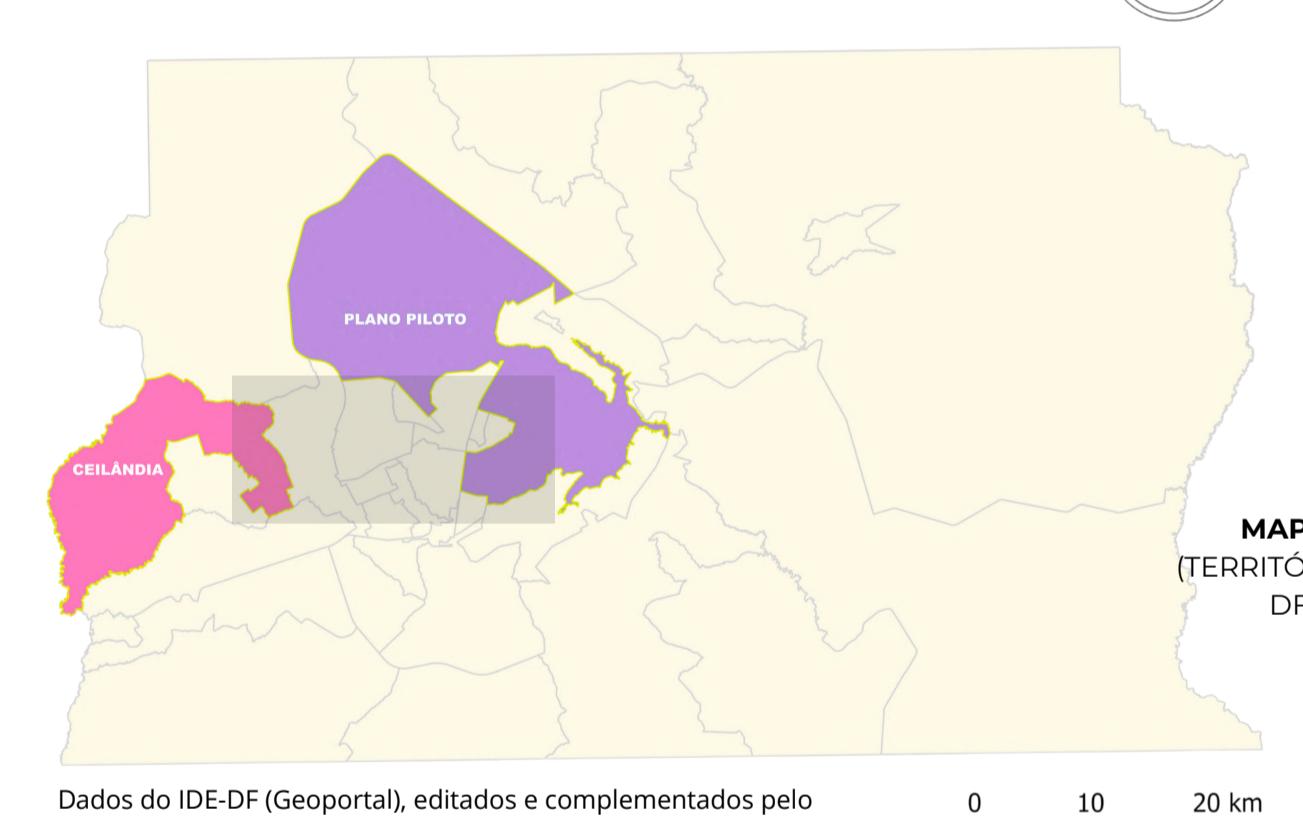
Dados dos mapas anteriores são do IDE-DF (Geoportal), editados e complementados pelo autor, 2025.

Este manifesto exige da arquitetura uma resposta que vá além do paliativo. A falha do poder público não reside apenas na ausência de abrigos, mas na própria estrutura urbana que perpetua a injustiça espacial e naturaliza o abandono. Ceilândia, concebida sob o ideal de vocação social, enfrenta hoje um processo de gentrificação por esvaziamento, um segundo apartheid urbano contra a sua população, que a desloca diante da sua vulnerabilidade e segregá a uso social. Enquanto novas ocupações precárias, sem suporte do poder público, como a nova RA do Pôr do Sol/Sol Nascente, se expandem de forma marginalizada e invisibilizada.

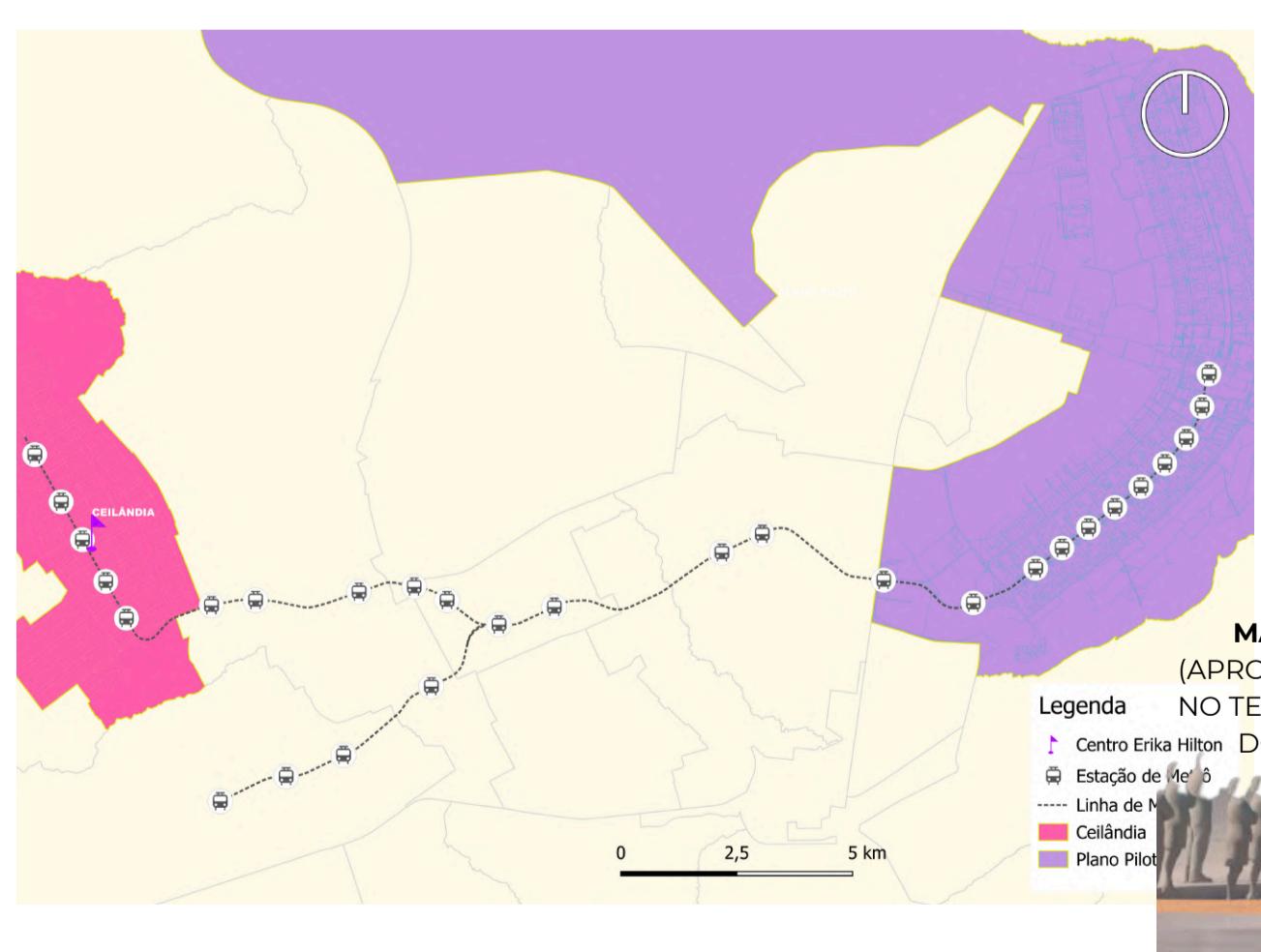
A escolha de Ceilândia não é casual. Seu Eixo Cívico, originalmente destinado para ser vital para a comunidade, transformou-se em um vazio funcional, marcado pela ausência de convivência e pela desconexão entre o espaço urbano e seus habitantes. A região, composta por casas de gabarito baixo e altamente adensada em termos populacionais, sofre com a falta de equipamentos públicos que incentivem o encontro e o pertencimento. As calçadas largas e os terrenos ociosos, em vez de promoverem vitalidade, expõem a fragilidade de um traçado que exclui os grandes vazios paisagísticos de muitas cidades, que não dialogam com as comunidades vizinhas nem acolhem seus usos cotidianos.

Assim, o que poderia ser espaço de encontro corre o risco de se tornar mais um símbolo da distância entre a cidade projetada e a cidade vivida. As imagens analisadas evidenciam essa ameaça. A Imagem 2, próximo ao local de implantação do Centro Erika Hilton, mostra o elemento vertical de alto gabarito de caráter gentrificador; a Imagem 4, a área desocupada e suscetível à privatização; e a Imagem 1 revela o impacto dos condomínios de luxo que, com seus muros e vigilância, eliminam a relação entre as extremidades dos eixos Centrais de Ceilândia, sufocando a dinâmica e a vida na cidade.

2 LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO SOCIOESPACIAL



Mapa 1 (TERRITÓRIO DO DF)
Dados do IDE-DF (Geoportal), editados e complementados pelo autor, 2025.



Mapa 2 (APROXIMAÇÃO NO TERRITÓRIO DE CEILÂNDIA/DF)
Legenda: Centro Erika Hilton DO DF, Estação de Metrô, Linha de Metrô, Ceilândia, Plano Piloto
0 2,5 5 km

